



FACULDADE RATIO
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

MARIA LAURINDA DOS SANTOS OLIVEIRA

**A VIDA EM CÁRCERE: MULHER, GESTANTE E MÃE NO INSTITUTO PENAL
FEMININO DESEMBARGADORA AURI MOURA COSTA EM AQUIRAZ-CEARÁ**

FORTALEZA- CEARÁ

2015

MARIA LAURINDA DOS SANTOS OLIVEIRA

**A VIDA EM CÁRCERE: MULHER, GESTANTE E MÃE NO INSTITUTO PENAL
FEMININO DESEMBARGADORA AURI MOURA COSTA EM AQUIRAZ-CEARÁ**

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Orientadora: Prof^a. Ms. Virzângela de Paula Sandy

FORTALEZA – CEARÁ

2015

MARIA LAURINDA DOS SANTOS OLIVEIRA

**A VIDA EM CÁRCERE: MULHER, GESTANTE E MÃE NO INSTITUTO PENAL
FEMININO DESEMBARGADORA AURI MOURA COSTA EM AQUIRAZ-CEARÁ**

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Faculdade Teológica Ratio, como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Serviço Social.

Aprovada em ____/____/ 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ms. Virzângela de Paula Sandy
(Orientadora)

Prof.^a Ms. Lúcia de Fátima Rocha Bezerra Maia
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Ms. Deocleciana Paula da Silva
Faculdade Ratio

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me dado força e paciência para completar essa caminhada ao longo de quatro anos. Não foram fáceis, muitos obstáculos foram vencidas e muitas barreiras superadas, poucos sabem todas as angústias pelas quais passei.

Ao meu filho, Pierry, meu ex-companheiro, Daniel, que esteve presente neste percurso; minhas irmãs: Edileuda, Maria, Liduína, por terem me apoiado e torcido por mim, cada uma à sua maneira, e ao meu irmão Fabiano que graças a ele escolhi o tema deste trabalho, que foi minha fonte de inspiração; Aos meus sobrinhos Emanuell, que além ser uma criança com necessidades especiais, é muito especial para mim, Gutembeg, Alzirene, Ruthielly e Hanna. Amo vocês!

Apesar do caminho não ter sido fácil, algumas pessoas contribuíram imensamente para que esses dias se tornassem mais fáceis e esse tempo mais leve: Margareth Alves, Alessandra, Joana, Naiara, Carla, valeria, Patrícia, minhas amigas de faculdade. Adoro vocês!

Aos meus supervisores, Francisco Alexandre, em especial, Israel Fontelles, e ao supervisor Carlos Alberto que contribuíram para minha formação acadêmica, para que fosse possível a minha saída durante o período de estágio.

Ao meu primeiro campo de estágio, unidade de Saúde Meton de Alencar, onde fui bem recebida. Agradeço a minha primeira supervisora de campo Rita Maria, grande pessoa e amiga, um exemplo de mulher, profissional e referência para mim, pessoa que emana amor, e que me trouxe outra concepção da vida. Obrigada!

Agradeço a professora Hayeska Costa, Francis Emmanuelle Alves, que também foi minha orientadora e que sem você essa monografia não seria a mesma. Obrigada pelos livros, artigos e autores indicados. Você contribuiu para a evolução desta monografia. Obrigada, apesar de não estar na instituição, pois gostaria que estivesse presente na minha defesa.

A minha atual orientadora Virzângela, pela sua paciência e dedicação, contribuindo para que esse momento tão especial se concretizasse, a você os meus mais sinceros agradecimentos.

Obrigada à prof^a Deocleciana Paula da Silva pela sua participação na banca examinadora.

Agradecimento especial a professora Lúcia de Fátima Rocha Bezerra Maia pela sua contribuição na minha formação e participação como membro da banca examinadora.

Ao Rafael que conheci na SEUS/CE, pela paciência, apoio e participação em minha formação, contribuindo com as autorizações sempre que havia documentos pendentes.

A diretora do IPFDAMC, a agente Raissa que me acompanhou por toda a instituição, mostrando-se o ambiente e a dinâmica da instituição, esclarecendo as dúvidas sempre com paciência e dedicação.

A todos os professores da faculdade Ratio, que diretamente ou indiretamente contribuíram com minha formação e com os conhecimentos que adquiri.

Enfim agradeço a todos que torceram e que me apoiaram nesta caminhada.

Viva, ame, perdoe e agradeça porque o “hoje” é a única certeza que temos para realizarmos os nossos sonhos, para valorizarmos quem amamos, para fazermos valer a pena a vida que Deus nos deu.

Cecilia Sfalsin

RESUMO

Este estudo objetiva analisar a vivência da mulher, gestante e detenta do Instituto penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa (IPFAMC). Foram delineados os seguintes objetivos específicos: analisar o processo de cumprimento da pena das mulheres gestantes encarceradas; investigar a dinâmica dos partos das encarceradas e compreender o convívio das crianças com as mães detentas no Instituto Penal Feminino. No intuito de compreender as categorias deste estudo, prisão, gênero e maternidade, buscou-se a literatura específica, destacando os autores: Wacquant (2001), Foucault (2013); Goffman (2001), Scott (1986), Saffioti (2013), Piscitelli (2009). Butler (2012), Badinter (1985) e Marcello (2005). Apresenta abordagem qualitativa, cuja pesquisa de campo ocorreu no Instituto Penal, única prisão feminina do Ceará. Utilizou-se entrevista semiestruturada como método de coleta de dados, com a participação de nove mulheres reclusas na unidade prisional. O estudo revelou que a prisão influencia no desenvolvimento da maternidade, uma vez que as mulheres ficam próximas aos seus filhos apenas no período da amamentação, logo após são separadas dos filhos, os quais estabelecem vínculos com familiares/parentes. Em relação aos filhos que estão na unidade prisional com as mães, percebeu-se que este vínculo configura-se como a força necessária para que as mulheres suportem esta fase, sendo que a ruptura desse laço representa sofrimento vivenciado pelas mães.

Palavras-chave: Prisão. Gênero. Maternidade.

ABSTRACT

This study analyzes the experiences of women, pregnant women and inmate criminal Institute Female Court judge Auri Moura Costa (IPFAMC). The following specific objectives were outlined: analyze the process of serving the sentence incarcerated pregnant women; investigate the dynamics of the jailed births and understand the interaction of children with the inmates mothers in the Penal Institute Female. In order to understand the categories of this study, prison, sex and motherhood, sought to specific literature, highlighting the authors: Wacquant (2001), Foucault (2013); Goffman (2001), Scott (1986), Saffioti (2013), Piscitelli (2009). Butler (2012), Badinter (1985) and Marcello (2005). It presents a qualitative approach, whose field research took place in the Criminal Institute, one of Ceará women's prison. We used semi-structured interview as data collection method, with the participation of nine women prisoners in the prison unit. The study found that prison influences the development of motherhood, since women are close to their children only in the breastfeeding period, just after they are separated from their infants, which establish ties with family / relatives. With regard to children who are in the prison unit with their mothers, it was realized that this link appears as the force necessary for women to support this phase, and the break that tie is suffering experienced by mothers.

Keywords: Prison. Gender. Motherhood.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa....	18
Figura 2-	Unidade prisional.....	20
Figura 3-	Creche irmã Marta	21

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Evolução da população carcerária	14
Gráfico 2-	Tipos de crimes cometidos por mulheres e homens no Brasil....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COSIPE	Coordenadoria do Sistema Penal
CPB	Código Penal Brasileiro
CPF	Cadastro De Pessoas Físicas
CPPL	Casa De Privação Provisória de Liberdade
CSD	Chefe de Segurança e Disciplina
DEPEN	Departamento Penitenciário Nacional
IPFDAMC	Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa
LEP	Lei de Execução Penal
MJ	Ministério Da Justiça
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SEJUS/CE	Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado do Ceará
SINDASPE	Sindicato Dos Agentes Penitenciários
UP	Unidade Prisional
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	TRAÇANDO O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA..	14
2.1	Aproximação com o objeto e delimitação de pesquisa.....	14
2.2	Procedimento metodológico e instrumental de coleta de dados.....	16
2.3	Unidade prisional e os desafios da inserção no campo.....	18
3	O SISTEMA PENAL BRASILEIRO E A MULHER, MÃE EM CUMPRIMENTO DE PENA EM REGIME FECHADO.....	22
3.1	Prisão como espaço de disciplina.....	22
3.2	O sistema penal brasileiro e o perfil das mulheres mães em cumprimento de pena em regime fechado.....	25
4	REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E MATERNIDADE: RELATOS DE MULHERES DETENTAS DO INSTITUTO PENAL FEMININO	31
4.1	Perfil das entrevistadas.....	31
4.2	Gênero como categoria norteadora do estudo.....	33
4.3	Maternidade: sonho ou destino.....	38
4.4	As vivências das detentas do Instituto Penal Feminino.....	41
4.4.1	Prisão: “uma escola, pois aqui se aprende a lição, lugar em que o filho chora e a mãe não vê”	41
4.4.2	Maternidade: “é muito bom, ajuda a passar a cadeia”.....	46
4.4.3	Planos para o futuro: “Trabalhar pra criar meu filho só”.....	47
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
	REFERÊNCIAS	51
	APÊNDICE A- Roteiro de Entrevista.....	55
	APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	57
	APÊNDICE C- Solicitação para realizar pesquisa de campo.....	58

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado “A vida em cárcere: mulher, gestante e mãe no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa em Aquiraz-Ceará, visa compreender o que é ser mulher, gestante e mãe na condição de presa em cumprimento de pena em regime fechado. Este estudo aborda a mulher em sua gestação e o cuidado com os filhos que estão dentro da unidade prisional(UP) e os que estão fora, ou na “liberdade”, assim chamadas por elas, em poder de alguns familiares, amigos, vizinhos ou em abrigos.

De acordo com dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), o número de mulheres presas no Brasil passou de 10.112 no ano 2000 para 35.039 em 2012 em cumprimento de pena em regime fechado, cuja realidade revela um significativo avanço de 246% no período. No Ceará, segundo a Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado do Ceará(SEJUS), em 2015 existem 1.033 mulheres presas, demonstrando um crescimento de 57% em relação ao ano de 2012, que totalizava 654 mulheres nessas condições.

A realidade dessas mulheres na condição de mãe expressa vários dilemas, destacando a separação do seu filho aos seis meses de idade, após o período da amamentação; e o medo de não ter um familiar para cuidar da criança nesse período, e garantir o vínculo com a mãe, a qual cuidará do seu filho após receber sua liberdade. É nesse contexto que esta proposta investigativa se insere ao analisar a situação dessas mulheres em cumprimento de pena na unidade prisional Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa(IPFDAMC).

Ressalta-se a importância da segurança pública e seu impacto no contexto de uma sociedade que apresenta momentos de insegurança, gerada pelo elevado nível de violência urbana. Nesse contexto, a questão das prisões é entendida como uma solução para a maioria da população. No entanto, a sociedade deve conhecer e compreender a realidade dessas mulheres no ambiente prisional, buscando se despir de preconceitos, considerando que cada gestante presa, independente do tipo de infração, é uma pessoa única em sua história de vida, com seus valores e crenças, inserida em uma família e comunidade que se apresenta como espaço de convivência e socialização.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a vivência da mulher, gestante e detenta no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa. Para atender a este objetivo geral foram delineados os seguintes objetivos específicos: Analisar o processo de

cumprimento da pena das mulheres gestantes encarceradas no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa.

Investigar a dinâmica dos partos das encarceradas no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Costa.

Compreender o convívio das crianças com as mães detentas no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa.

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro, intitulado “Traçando o percurso metodológico da pesquisa”, expõe o caminho e as etapas da pesquisa, desde a aproximação com a temática até a realização da coleta de dados, bem como os desafios da inserção em campo. Neste capítulo é apresentado o lócus onde ocorreu a pesquisa de pesquisa.

O segundo capítulo, intitulado “Sistema penal Brasileiro e a prisão, como uma categoria analítica a mulher, mãe em cumprimento de pena em regime fechado”, enfocando e como um espaço de disciplina, apresentando os dados específicos referentes as prisões de mulheres e seus perfil, com destaque para os artigos cometidos, tendo como base a literatura e os documentos da Secretaria da Justiça e Cidadania do Estado do Ceará(SEJUS).

O terceiro capítulo, intitulado “Reflexões sobre gênero”, apresenta-se a história de vida das detentas, os dados da pesquisa de campo que traz a discussão sobre a categoria gênero e maternidade, relacionando com as falas das entrevistadas, e com as teorias que embasam as categorias analisadas. Por fim, procede-se a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, onde dialogo com os autores discutidos no trabalho e com as percepções que a pesquisadora pôde obter sobre as categorias e sobre a temática.

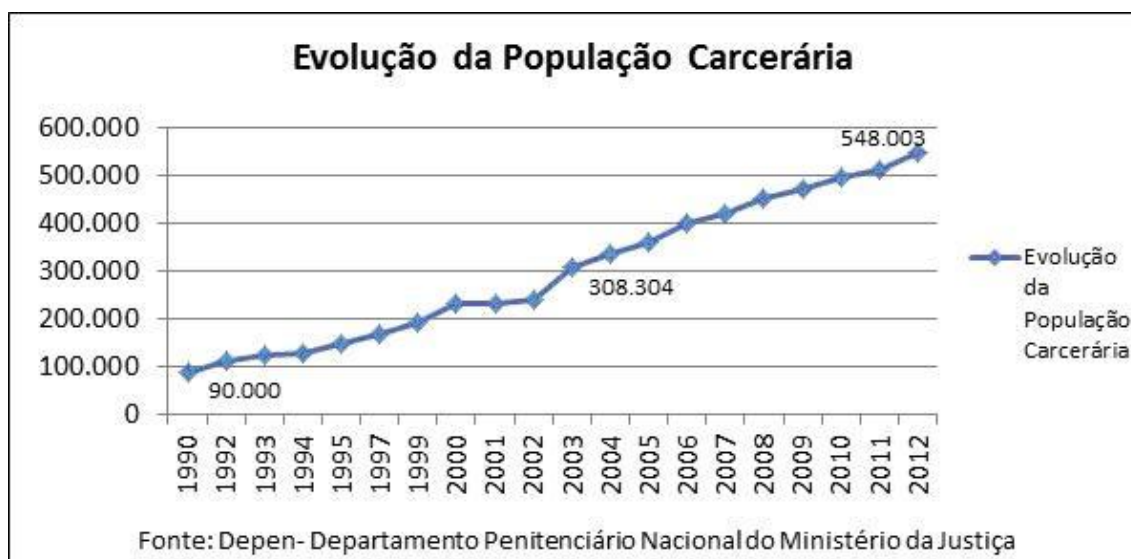
2 TRAÇANDO O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

2.1 Aproximação com o objeto e delimitação de pesquisa

A ideia de realizar essa pesquisa surgiu das minhas inquietações, pois logo após a matrícula no curso de Serviço Social um familiar próximo foi preso. Então, fui conduzida a procurar entender e conhecer o assunto, pois tive que visitá-lo. Todavia, quando tomei ciência desse fato, comecei a querer estudar e pesquisar sobre o sistema prisional, de um modo geral, por ser um assunto abordado no nosso dia a dia. No Gráfico 1, procede-se a análise da evolução da população carcerária do Brasil.

Com base nos dados, verifica-se que, nesses últimos anos, a população carcerária tem aumentado, destacando-se a existência do envolvimento das mulheres em crimes.

Gráfico 1- Evolução da população carcerária



Fonte: Ministério da Justiça, 2013.

Ao decidir estudar a mulher gestante do sistema carcerário no IPFDMAC, procurei compreender a história dessas mulheres, gestantes. A intenção de desvendar o cotidiano

destas mulheres grávidas foi aguçada a partir da minha inserção no curso de Serviço Social, quando busquei uma visão mais ampla sobre a questão do sistema prisional a partir de um personagem específico, a mulher gestante e mãe. A realidade do objeto da pesquisa teve, inicialmente, motivação pessoal, que evolui para uma análise acadêmica e social.

Com base nos resultados obtidos de várias pesquisas, cresceu o desejo em desenvolver pesquisa sobre mulheres gravidas no ambiente prisional, especialmente conhecer esta realidade na perspectiva das próprias mulheres gravidas já que esse não é um tema tão abordado na academia. Dessa forma, elaboraram-se as questões norteadoras sobre a temática, visando compreender a vivência de mulheres no período gestacional em ambiente prisional.

Conforme o Censo do Ministério da Justiça (2015)¹, 50% dos presos não recebem visitas de familiares, em média 17 a 20 mulheres recebem visita íntima, as mesmas acontecem aos sábados, quinzenalmente, diferente da visita social que acontece duas vezes por semana as quartas feiras e aos domingos, em local na UP chamado venustério².

A realidade do sistema prisional se impôs por questões pessoais, porém, percebe-se que as prisões são reflexos da sociedade, da sua organização social, racial, econômica, de gênero e principalmente de poder (FOUCAULT,1999).

No que se refere especificamente as mulheres em cumprimento de pena em regime fechado, estudos revelam que no Brasil poucas penitenciárias possuem creche ou berçário, rompendo assim os vínculos entre mães e filhos, logo após o sexto mês de vida da criança. Contudo, não há maiores informações sobre as condições vivenciadas pelas detentas mães.

Dessa forma, ressalta-se que a sociedade precisa conhecer e compreender a realidade dessas mulheres no contexto do ambiente prisional, para que possam se despir de preconceitos, pois não se pode esquecer que cada gestante presa, independente do tipo de crime cometido, é uma pessoa que carrega uma história, que tem seus valores e crenças, que fazem parte de uma família e que tem seu contexto dentro da sociedade.

Diante deste fenômeno social, esta pesquisa busca compreender o cotidiano e a realidade dessas mulheres que são mães, identificando os impactos da reclusão para essas

¹Para mais informações acesse: www.justica.gov.br/portal, acesso em 15 de fevereiro de 2015

²Local que dispõe de quatro suítes; os quartos possuem apenas um colchão sobre uma estrutura de cimento, mas é permitido que as internas levem ventilador e material de limpeza, assim queiram.

mulheres durante a maternidade no IPFDAMC. Diante dessa problemática, este estudo norteia-se pela seguinte pergunta de pesquisa: como é ser mulher, gestante e mãe no Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa?

A seguir, serão apresentados os procedimentos metodológicos e os instrumentais de coleta de dados da pesquisa.

2.2 Procedimento metodológico e instrumental de coleta de dados

Para atender os objetivos deste estudo, destaca-se o caráter qualitativo desta pesquisa, que procurou analisar o processo vivido pelas mulheres, em cumprimento de sentença em regime fechado, compreendendo as suas características de ser mulher, gestante e mãe dentro do sistema carcerário no Instituto Penal Desembargadora Auri Moura Costa.

Dessa forma, a abordagem utilizada apresenta a natureza qualitativa

Que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões produtos de interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem e pensam, ou seja, são as investigações e segmentos delimitados de histórias sociais, para relações e para análise de discursos e documentos (MINAYO 2006, p.33).

Nesse processo, realizou-se a pesquisa bibliográfica, a qual segundo Marconi e Lakatos (2010) constitui-se nos principais trabalhos já realizados, revestidos de importância por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes com o tema e representa uma fonte de informações.

No intuito de compreender as categorias deste estudo, prisão, gênero e maternidade, buscou-se a apropriação de um conjunto de autores que abordam a temática: para a categoria prisão, diálogo com Cezar Bueno de Lima (2005), Loic Wacquant (2001), Michel Foucault (1999; 2013) e Erving Goffman (2001).

Para a categoria gênero, realizou-se diálogo com Joan Wallach Scott(1986), Heleieth Iara Saffioti (2013),Margareth Rago (2012) Maria Cassia Carloto (2001),Adriana Piscitelli (2009) e com Judith Butler (2012),e com a categoria maternidade, buscou apropriar-se da literatura de Elisabeth Badinter (1985), Fabiana de Amorim Marcello (2005),Aline Barbosa Figueiredo Gomes.

E por fim, realizou-se a pesquisa de campo no IPFDAMC³ que segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 26) “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar”.

No que se refere a técnica de coleta de dados, este estudo utilizou a entrevista semiestruturada que segundo Gil (2009,p.35)

Esta pode ser aberta com ampla liberdade para responder, guiada com formulação e sequência definidas no curso da entrevista, por pautas(orientadas por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso ou informal(que se confunde com a simples conversação),estas devem ser em número suficientes para que todos se manifestem, esta deve conter seleção dos informantes, negociação das entrevistas onde são esclarecidos os objetivos da entrevista e definidos os papéis das duas partes.

Essa entrevista pode ser aberta ou fechada, com questões onde o entrevistado e o entrevistador sintam-se a vontade para perguntar e responder. Dessa forma, elaborou-se um roteiro de pesquisa, contendo 26 perguntas, organizada em quatro blocos: identificação; processo ou envolvimento com a polícia/ justiça; relações de gênero e relações pessoais.

Participaram do estudo nove detentas, sendo duas grávidas e sete lactantes; apenas três mães se recusaram a conversar com a pesquisadora sobre a rotina na Unidade, como se dá o cumprimento de suas penas, o cárcere e sua história de vida.

Ao realizar as entrevistas, explanei as internas sobre um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual foi enfatizada a garantia do sigilo da identidade. No entanto, as entrevistadas se negaram a assinar o TCLE, argumentando que não teriam problemas em se identificarem, pois haviam cometidos crimes e que deveriam cumprir a pena. Contudo, este estudo utilizou nome fictício. Ao final esse material foi selecionado e analisado.

O perfil das entrevistadas será abordado, no quarto capítulo, ao apresentar os resultados da pesquisa de campo.

A seguir, apresenta-se a instituição, campo desta pesquisa.

³ UP, apresentada com mais detalhes no próximo tópico.

2.3 Unidade prisional e os desafios da inserção no campo

O IPFDAMC foi inaugurado em 22 de agosto de 1974, na gestão do governador Cesar Cals de Oliveira Filho, funcionando, inicialmente, em um prédio das irmãs da congregação Bom Pastor. Em 31 de outubro de 2000, inaugurou-se o novo e atual presídio feminino, integrado ao complexo penitenciário do Aquiraz, localizado na região metropolitana de Fortaleza, ao lado do Instituto Penal Paulo Sarasate⁴ e do presídio militar.

Figura 1- Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

Atualmente a unidade possui capacidade para 374 detentas, porém na visita de campo foi constatado que a UP apresentava 742 detentas, sendo que esse número pode ser alterado, pois todos os dias saem e entram novas mulheres.

O primeiro contato com a instituição ocorreu em uma manhã de quinta-feira, apresentando-se com a autorização para realizar a pesquisa. Este momento foi revestido de expectativas e ansiedades, devido ao processo de espera. Abordou-se a agente que estava na recepção e foi informada que nesse dia não seria possível a visita, pois os agentes penitenciários estavam realizando uma paralisação. Contudo pode-se observar a estrutura física da UP.

⁴Antes um dos maiores presídios masculinos do Ceará

Realizou-se novamente a visita ao local da pesquisa, contactando-se com a agente na recepção, a qual informou que deveria aguardar a diretora ou a CSD. Após a agente recolher a autorização, a chefe de disciplina(CSD), solicitou que aguardasse a diretora, a qual procedeu a autorização e a orientação sobre as condições do ambiente. No entanto, como não havia especificação de materiais eletrônicos no ofício, as entrevistas foram registradas por meio de escrita.

O encantamento ao adentrar na UP foi uma realidade, diferente de uma instituição que abriga homens, essa UP tem paredes cor de rosa, as grades lilás e o ambiente limpo, conservado pelas próprias detentas. No espaço, funciona a fábrica “Famel”, onde trabalham doze mulheres; e a “Fill Sete”.

Também tem um espaço destinado as atividades de artesanatos, padaria, escola, projeto “primeiro passo”. Destaca-se que as próprias detentas realizam o preparo do alimento, no qual se observou o refeitório.

A unidade conta com enfermarias, consultórios dentários e médicos, defensoria pública, sala da OAB, e outros.

A unidade prisional conta com um quadro de funcionários, composto por diretoria, administrativo, agentes penitenciários do sexo feminino para segurança interna e do sexo masculino para atendimento na recepção, com assistentes sociais, psicólogos, médicos, enfermeiros, auxiliares, advogados e estagiários. A unidade possui cinco alas, nomeadas de “A à E”, cada ala possui 30 celas. Na ala “A” ficam as presas que realizam trabalho interno,⁵ as gestantes e as idosas, esta ala é considerada calma. A ala “B” é dividida em dois espaços para as recém-chegadas que ainda não foram triadas⁶ pela equipe interdisciplinar, composta pelo assistente social, médico, psicólogo e advogado e para as mulheres com transtornos

⁵ O trabalho interno é garantido pela lei de execuções penal, para fins de remissão de pena, ou seja, a cada três dias trabalhados, um é reduzido da pena e para fins de seu próprio sustento ou de sua família. O IPFDAMC possui parceria com empresas privadas que são instaladas dentro da unidade, fabrica de confecção, cozinha, padaria, além de vagas oferecidas pela CISPE, na área de artesanato, limpeza, capinagem...

⁶ Conversaram com os profissionais da UP.

mentais; já a ala “C” destinada às presas provisórias e as alas “D” e “E” são destinadas ao restante das presas, tida como as mais agitadas⁷.

O presídio conta com um anexo, conforme Figura 2, onde funciona a Creche Irmã Marta local destinado ao abrigo e acompanhamento de crianças de zero a seis meses, ou até mais, assim tenham a amamentação como fonte principal de alimentação, onde ficam recolhidos junto às mães, conforme determina a Constituição Federal de 1988.

Figura 2- Unidade prisional



Fonte: pesquisa da autora, 2015.

A creche foi reformada em 2011, quando passou a oferecer mais espaços para as mães acompanhadas com seus filhos. No momento da pesquisa, a creche abrigava 12 detentas, sendo duas grávidas e dez mães.

Ao adentrar a creche, o entusiasmo foi contagiante, uma vez que predominava um ambiente acolhedor, com paredes cor de rosa, as grades lilás, três berçários, lavanderia, cozinha para o preparado da alimentação dos bebês. Presenciou-se também o choro e o andar dos bebês, carrinhos, brinquedos, e principalmente a manifestação do carinho das mães, que seguravam seus filhos, realizando as atividades com a criança nos braços, ou seja, há um forte vínculo e apego entre mãe e filho. Dessa forma, observou-se que as mães vão à cozinha com os filhos, conversam entre si, enquanto uma mãe faz a tarefa da UP, outra mãe cuida do seu filho e de outras crianças.

⁷ É válido ressaltar que estas informações foram coletadas em loco, ou seja, a partir de uma conversa informal com uma agente penitenciária que ficou responsável em me acompanhar na instituição.

Ao ser apresentadas as mães, explicou-se o objetivo da visita, destacando que as mesmas demonstraram interesse em participar do estudo. Das doze mães que estavam na creche, nove se disponibilizaram em cooperar. Nesse espaço, havia quatro bancos, berços e brinquedos. A coleta dos dados ocorreu neste ambiente, com a presença de algumas mulheres, que estavam eufóricas para entender de que se tratava aquela visita.

Apresentou-se o roteiro da entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de forma individual a cada mãe, a qual permaneceu com seu bebê no colo, afirmando que poderia usar os nomes verdadeiros, contudo, foi mantido os nomes fictícios, para garantir o sigilo da pesquisa.

Ao som de choros e risos dos bebês, as entrevistas aconteceram no período da manhã e tarde. No entanto, a coleta dos dados foi interrompida pelas internas, haja vista que há um momento religioso, onde oram e cantam hinos evangélicos. Em seguida, as entrevistas foram concluídas.

Visando compreender a dimensão social, traçou-se um perfil dos sujeitos participantes da pesquisa, composta pelas mulheres em cumprimento de pena em regime fechado, com filho dentro da UP ou fora da cela. No entanto, os sujeitos da pesquisa seriam as internas da creche irmã Marta.

Figura 3- Creche Irmã Marta



Fonte: pesquisa da autora, 2015.

3 O SISTEMA PENAL BRASILEIRO E A MULHER, MÃE EM CUMPRIMENTO DE PENA EM REGIME FECHADO

3.1 Prisão como espaço de disciplina

Analisando o sistema carcerário, percebe-se que este espaço é cercado de preconceitos, por parte da sociedade, geralmente pela falta de conhecimentos e curiosidades, realidade vivenciada no contexto brasileiro e, de forma específica, do estado do Ceará. Portanto, estudar esta realidade requer paciência e interesse, pois existem elementos subjetivos que devem ser considerados ao refletir sobre as pessoas que se encontram presas, aspectos essenciais para o despertar do entendimento dos fatos que cercam a vida do indivíduo durante e após a prisão. Ao discutir sobre a prisão e, de forma especial, sobre a mulher, torna-se necessário resgatar a história da prisão no interior das sociedades.

Ao analisar o papel do sistema prisional nos Estados Unidos, Wacquant(2001) destaca pontos fundamentais: a) o sistema carcerário funciona como regulação do mercado de trabalho, atendendo dupla função, uma vez que retira das ruas uma massa de desempregados e proporciona trabalho com carteira, gerando lucros às empresas de segurança privada; b) a diminuição de programas sociais estatais e o desenvolvimento do cárcere e dos programas de “Lei e Ordem” contribuem para retirar das sociedades os indivíduos, colocando-os na prisão; e c) a exclusão de grupos étnicos indesejáveis, já que ao sentirem-se excluídos da sociedade eram obrigados a complementar a renda, tornando-se assim traficantes. Na visão do autor, a prisão substitui os guetos, pois evita a sublevação dessas populações, ou seja, a transformação da população pobre e encarcerada em objeto de lucro.

Para o autor, as casas de detenção servem como

“ponto de encontro” dessa população, funcionando para um maior controle de suas ações e como local onde será encontrado material farto e fácil para a atuação das empresas privadas, ou seja, aquelas em que os detentos dominam de onde estão. O Estado penitenciário é forte e as populações consideradas “supérfluas” são desamparadas, marginalizadas, criminalizadas e finalmente encarceradas (WACQUANT, 2001,p.92).

Essas ações se dão a partir da delimitação de áreas urbanas, ou seja, cidades ou bairros considerados os mais perigosos como locais de vigilância intensa, ou seja, a “cidade passa a

adotar uma pedagogia da repressão” e deixam de ser um lugar de boa convivência, trocas e aprendizagem, para ser um local de opressão, punição e criminalidade por parte de alguns.

Em seus estudos, Goffman (2001, p. 24) percebeu que “ao adentrar em uma instituição total,⁸ o eu do indivíduo é mortificado, pois começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu”. Ao tornar-se interno de uma unidade prisional (um dos tipos de instituição total), o sujeito passa por um processo de transformação para que aceite a sua nova condição de vida diante dos internos e da sociedade, destacando que o detento só poderá reestabelecer sua personalidade ao sair da instituição.

O detento deve adquirir uma nova postura de submissão, na qual andar com mãos para trás, sempre com a cabeça baixa para não encarar as autoridades e as pessoas é fundamental. Portanto, muitas pessoas em situação semelhante são separadas da sociedade por um determinado período de tempo, levando uma vida orientada pelas normas, sendo formalmente administrada pela população carcerária e pela instituição. Em determinadas instituições, os regimes e espaços são diferenciados, algumas mais fechadas, outras mais abertas. Seu fechamento ou caráter total é simbolizado pela barreira social com o mundo externo e por proibições a saída, que às vezes estão incluídas no esquema físico, portas e portões fechados, e paredes altas (GOFFMAN, 2001).

Ressalta-se a experiência vivida em uma instituição masculina, onde observou-se as atitudes dos detentos em seu dia a dia, seu vocabulário, o fato de não poder olhar e nem falar com as visitas, destacando que ao sentar-se não podem mostrar a “coruja”, referindo-se a cueca, nem enviar um “catatau”, referindo-se as cartas.

Goffman (2001) destaca a delicadeza no que se refere a perguntas, sobre os erros de outro, bem como o fato de o detento se recusar a determinar sua relação com outro prisioneiro a partir daquilo que se fez antes de vir para a prisão.

Assim, percebe-se o quanto a prisão incide profundamente no psicológico dos indivíduos de uma forma negativa, pois ao colocá-los dentro de prisões onde a principal ordem é manter a disciplina, estes terão que ser moldados para a nova realidade.

Conforme experiência pessoal, observou-se nos detentos alguns vestígios do comportamento e de linguagem que deve ser mantido dentro das unidades, como por

⁸ Para o autor, instituições totais são locais de residência ou de trabalho coletivo, onde todos estão na mesma situação, separados do mundo exterior, levando uma vida programada minuciosamente. Podemos citar como exemplos: O sistema prisional, mosteiros, conventos e hospitais psiquiátricos voltados para internação.

exemplo, algumas palavras, forma de comportamento diante das visitas, forma e olhar, falar e até mesmo forma de comer.

Nessa direção, Lima (2005, p. 169) afirma que

No interior de uma prisão co-habitam dois sistemas de vida: o oficial, representado pelas normas legais que disciplinam o cotidiano no cárcere, e o não oficial que realmente rege a vida dos internos e as relações entre eles. Na fase de internamento[...]a personalidade do detento adquire sequelas psíquicas irreversíveis ao ser levado a adaptar-se a uma nova forma de vida, uma nova linguagem, novas relações de amizade, novos hábitos de comer, vestir e dormir, produzindo fraturas irreversíveis na vida do interno.

Nesse sentido, observa-se que a vida dos detentos muda completamente, uma vez que passam a conhecer a ética do sistema que rege a vida dos internos, e a conviver com as regras e normas estabelecidas entre eles, que são severas. Logo, a personalidade também muda com a convivência entre eles e passam a adquirir novos hábitos, novas formas de comer, falar, vestir, sentar, enfim até os olhares mudam.

Ao examinar a construção da prisão como meio central da punição criminal, Foucault (1999, p. 80)

cria uma moldura à ideia que a prisão tenha se tornado parte de um mais amplo sistema carcerário, que se tornou uma instituição soberana que tudo hegemoniza na sociedade moderna. A prisão pertence a uma rede mais vasta, compreendendo escolas, instituições militares, hospitais e fábricas. O sistema penitenciário cria carreiras disciplinares para quem aceita permanecer “na linha” que lhes foram determinadas. O funcionamento de um tal sistema é propiciado pelas autoridades científicas da medicina, psicologia e criminologia. É fundamental o princípio que o sistema não pode criar outro, senão, delinquentes. A delinquência, com efeito, se produz quando a micro criminalidade social, não é mais tolerada, e se cria uma classe de “delinquentes” especializados que agem como sub-rogados da polícia na vigilância da sociedade.

As prisões compreendem todo e qualquer espaço fechado, com disciplinas seja entre detentos “normas das cadeias”, ou normas disciplinares da instituição, normas que são fundamentais para um bom convívio nas prisões.

Foucault relata ainda que

As prisões não parte da questão institucional, nem das ideologias ou teorias vigentes nesse âmbito; pelo contrário, o que lhe interessa substancialmente são as práticas que ali se repetem. E aquilo, no fundamental, para captar as condições que num dado momento as tornam aceitáveis. Prisões são aquelas instituições que retiram o indivíduo do espaço de convivência familiar ou social e os internam, durante um período, para moldar suas condutas disciplinares e seus comportamentos, ou seja, formatar aquilo que pensam para verificar se possível tornar esse indivíduo em outro (FOUCAULT, 1999, p.83).

As prisões tem o poder de transformar os indivíduos embora sejam para um bom convívio entre detentos e para a sociedade de um modo geral.

Conforme postula Foucault (2013, p. 217), a prisão

[...]se constitui fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações [...]uma aparelhagem pra tornar os indivíduos dóceis e úteis, por meio de um trabalho preciso sobre seu corpo.

Com base no autor, afirma-se que a prisão é um espaço fechado, onde os indivíduos passam pela disciplina, visando moldá-los e transformá-los em outro ser, tentando modificarem seu corpo, comportamento e caráter.

Foucault (2013, p. 12) afirma ainda que

A punição está ligada cada vez mais ao processo penal, pois deixa o campo da percepção e entra no campo da consciência abstrata, sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível. Pois a certeza de ser punido deve desviar o homem do crime; as punições passaram a ser “humanizadas”; as punições passavam a ser menos direcionadas ao físico, mais focadas na alma.

Dessa forma, quando um detento não cumpre as disciplinas da instituição, este permanece por um período sem visitas, cuja punição apresenta-se de forma discreta, sutil, disfarçada e sem tanta agressividade. Logo, a punição passou a ser vista como negativa dentro da sociedade, pois aqueles que o aplicavam estavam sendo vistos como iguais aos “delinquentes”, como fomentadores da própria violência. O essencial é procurar corrigir, reeducar, ”curar” e não punir. Também, constata-se a existência das disciplinas entre os detentos.

No item a seguir será abordado o sistema penal brasileiro e o perfil das mulheres que cumprem pena em regime fechado.

3.2 O sistema penal brasileiro e o perfil das mulheres mães em cumprimento de pena em regime fechado

Conforme relatado na maioria dos Estados brasileiros ocorreu um aumento significativo do número de mulheres encarceradas, tanto no sistema penitenciário quanto no sistema policial. Entretanto, é importante ressaltar a fragilidade dos dados, visto que nem todos os estados apresentaram os dados reais acerca do número de mulheres presas no sistema de

segurança pública, delegacias de polícia e cadeias públicas. Considerando os dados do Departamento Penitenciário (Depen) do Ministério da Justiça, de 2000 e 2006, calculou-se a taxa do aumento da população carcerária total, homens e mulheres, em todo o país. Constatou-se um aumento de encarceramento de mulheres de 2000 a 2006 de 135,37%, bem maior do que as dos homens, que foi de 53,36%.

Segundo o Ministério da Justiça (2015), a criminalidade está ligada a prisão, cuja realidade gera discussões e polêmicas, já que se refere a graves problemas que preocupam a sociedade e os governantes. Os atos criminais são cometidos por homens e mulheres, sendo que o número de mulheres presas é expressivamente menor que o número de homens. Contudo nos dias atuais, a criminalidade feminina vem aumentando e se intensificando, sendo que há poucas pesquisas bibliográficas que abordam especificamente este tema.

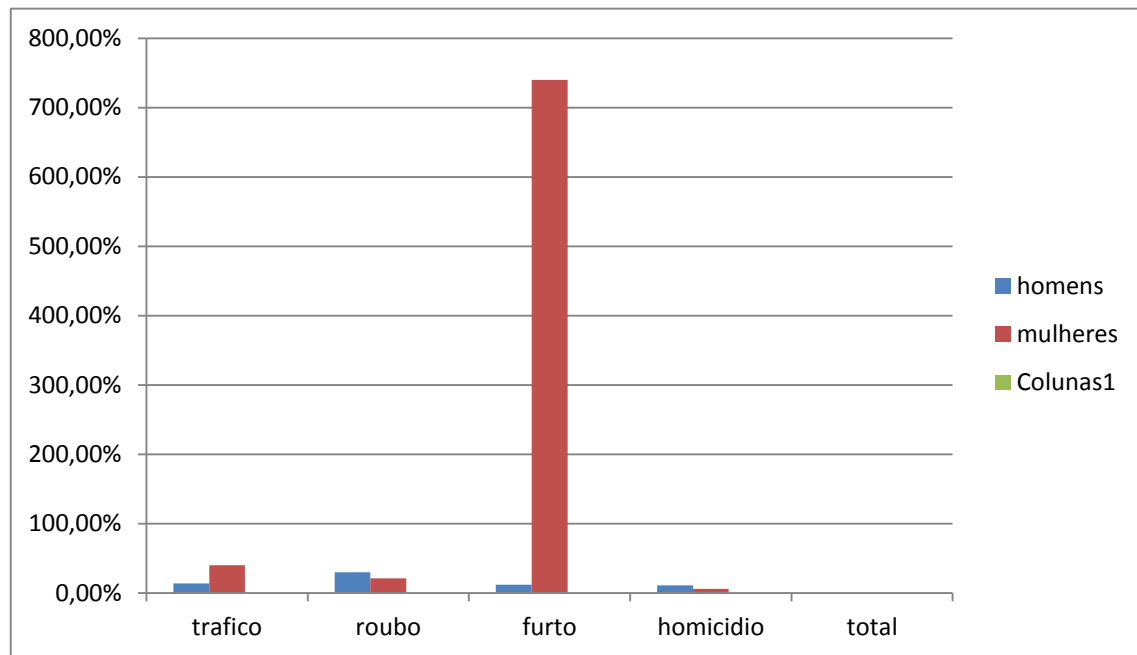
Dessa forma, outro aspecto a ser discutido sobre a criminalidade diz respeito as relações de gênero, destacando que a categoria gênero refere-se ao significado de ser homem e de ser mulher para a sociedade e a cultura. Nesse contexto, percebe-se a desvalorização da mulher, que ocorre também no sistema prisional. Esta temática será aprofundada no terceiro capítulo.

Na perspectiva do Departamento Penitenciário, 72% das mulheres é primária⁹, enquanto 44% dos homens declararam ser reincidentes¹⁰. 54% das mulheres se declaram negra ou parda (afrodescendentes), indicando que há uma representação das mulheres afrodescendentes encarceradas no Brasil, uma vez que a porcentagem das mulheres negras e pardas na sociedade brasileira em geral é de 42%. Entre as mulheres presas, 65% são analfabetas ou não possuem o ensino fundamental completo, em oposição ao que assegura o artigo 18 da Lei de Execuções penais (LEP). Estes dados serão confrontados com o perfil das mulheres entrevistadas.

⁹ Nunca haviam cometido algum crime antes

¹⁰ Já cometeram crimes antes

Gráfico 2- Tipos de crimes cometidos por mulheres e homens no Brasil



Fonte: Ministério da Justiça, 2006.

Com base nos dados expostos no Gráfico 2, verificamos que os crimes cometidos por mulheres tem aumentado, principalmente os furtos; em seguida, destaca-se o tráfico de drogas, roubos e até homicídios. Contudo, seguindo a tendência das pesquisas nacionais sobre os tipos de crimes cometidos pelas mulheres no Brasil, a pesquisa de campo revelou que o tráfico de drogas constitui o principal crime, uma vez que as mulheres entrevistadas tem o tráfico como principal delito. Dessa forma, observa-se que cada vez mais as mulheres estão deixando de lado aquela imagem do sexo frágil, para cometer delitos.

Conforme declara Santa Rita (2006, p. 75), “a maioria das penitenciárias brasileiras passa por graves problemas, porém, através da discriminação seja ela de gênero, ou não, nas penitenciárias femininas, esses problemas se agravam em determinados momentos”.

Considerando as relações que ocorrem dentro das prisões, cada interna irá adquirir novas características em sua subjetividade e personalidade. No entanto, cada uma dessas mulheres possui sua própria singularidade e esta é o que irá diferenciá-las umas das outras. (SANTA RITA, 2006). Esta temática será discutida e aprofundada na apresentação dos resultados da pesquisa.

No que se refere ao perfil das mulheres encarceradas, Moura e Frota (2006) apresentam que a maioria das mulheres foram presas por estarem envolvidas no tráfico de drogas. Todavia, esses não são os únicos motivos que levam as mulheres a cometer atos criminosos, uma vez que algumas sofrem influência dos companheiros, maridos ou namorados, outras buscam nesses atos ilícitos uma forma de geração de renda, pois se encontram desempregadas e responsáveis pelo sustento da família.

Com base nesses pressupostos, observa-se que a relação de gênero é um fator determinante nas práticas criminais, pois parte dos crimes cometidos pelas mulheres estariam associados ao modelo de socialização, uma vez que são percebidas como frágeis perante os homens, devido a algumas qualidades, que diferenciam do homem em destaque as físicas.

Segundo Ferreira (2007), a mulher ocupa um papel importante no mercado das drogas, fazendo vendas em diversos locais e até mesmo levando para outras cidades. No entanto, o tráfico não só parte do universo masculino, mas está presente entre as mulheres.

Souza (2005) declara que a inserção de mulheres no tráfico de drogas não deve estar relacionada somente ao desemprego, mas também a influencia dos companheiros, a fonte de renda, dentre outros. Logo, essa realidade demonstra a origem da participação subalterna das mulheres e a dificuldade de aceitação social das mesmas nas práticas de seus crimes. As mulheres são vistas como alvos fáceis pelos traficantes, pois a sociedade em geral tende a não desconfiar das mesmas, no entanto, teriam facilidade no tráfico já que algumas têm a necessidade de manter o vício, sentirem-se úteis e valorizadas; já outras por passarem dificuldades financeiras e precisam se sustentar, manter a casa e criar seus filhos.

Frinhani e Souza (2005) afirmam que, ao serem presas, essas mulheres precisam criar estratégias para enfrentamento do cárcere, já que adquire outra personalidade, outras normas, ética entre as detentas, então participam de grupos de apoio, de oficinas, oração, de música, aprendizagem, artesanato, participam de terapias individuais, que quando são oferecidos por psicólogos, e caracterizam-se como grupo de apoio psicológico ainda assim cuidam da aparência e do espaço onde estão vivendo, buscando torná-lo mais semelhante com o ambiente doméstico conhecido por elas, já que neste período é a sua moradia.

Guedes (2006, p. 77) destaca a “questão da sexualidade, visto que a ausência masculina é considerada um fator agravante para a permanência no cárcere, já que faltam relacionamentos afetivos e sexuais com o sexo oposto”. As visitas íntimas não são permitidas

em muitas penitenciárias, fator que pode favorecer o relacionamento afetivo e sexual entre as detentas.

Ao discutir a criminalidade feminina, Frinhani e Souza (2005, p. 75) declaram que

[...] as características de gênero associadas à esta questão geram um estranhamento social relacionado à inserção da mulher no universo do crime. Desse modo geralmente a mulher aparece como cúmplice de homens, como aquela que maltrata crianças ou que se envolve em crimes passionais.

Consoante afirma Santa Rita (2006), o “Sistema Prisional Brasileiro aponta uma negação de gênero, criando assim uma desvalorização da mulher dentro das penitenciárias por meio da desigualdade social, discriminação”. Assim, observa-se que ainda se tem a imagem de que a mulher nasceu para casar, e exercer o papel de dona de casa, e mãe, quebrando assim esse tabu.

Martins (2001) afirma que o número de homens encarcerados é bem maior que o número de mulheres, porém a população prisional feminina vem aumentando de forma expressiva, apresentando um percentual de 6,1%. “No entanto os problemas que afetam os presídios masculinos nos presídios femininos de modo mais grave é sério, por abranger as relações sociais de gênero, na qual as diferenças biológicas pautam a inferioridade da mulher” (MARTINS, 2001,p.75).

De acordo com Santa Rita (2006), os principais problemas que afetam o Sistema Prisional Brasileiro, tanto o masculino como o feminino são: superlotação, falta de assistência medica, assistência jurídica, falta de profissionais, higiene, materiais insuficientes; estrutura física sem manutenção; a baixa oferta de cursos profissionalizantes e atividades culturais educacionais e até laborativas em algumas unidades, para os internos.

No entanto, nas penitenciárias femininas, os problemas se agravam pela discriminação de gênero, falta de unidades prisionais para mulheres, pois no estado do Ceará há apenas uma, e em outros estados a maioria das estruturas que abrigam as detentas são improvisadas. Dessa forma, as mulheres ficam em alas, no interior de complexos prisionais masculinos, não tendo assim, um local específico para o encarceramento feminino, acontecendo assim cada vez mais o envolvimento entre as mulheres (SANTA RITA, 2006).

Contudo, observa-se que a mulher, além de assumir essa posição de submissão e inferioridade em relação ao homem dentro do cárcere e na sociedade, não se percebe como mulher, não sente-se desejada, e por meio dos processos em relação a vaidade, feminismo ou

desejo fica estática, impossibilitando a construção de novos modos de existir, sentir-se viva e sonhar com um mundo novamente. Assim, deixam de lado os seus sonhos, suas expectativas para o futuro, o que acaba gerando um sentimento de rejeição.

Segundo Guatarri e Rolnik (2005, p. 78), o “desejo é algo produtivo, leva a um processo de produção de algo, sendo uma energia diferenciada que gera modos de estar no mundo, fazendo com que este produza novos papéis, novas identidades” e novas formas de sentir e existir como mulher.

Conforme os dados do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Infopen) do Ministério da Justiça, relativos a junho de 2008 – os mais atualizados disponíveis – do total aproximado de 440 mil presos no Brasil, cerca de 27 mil (6,1%) são mulheres, sendo que das 443 penitenciárias brasileiras apenas 43 são destinadas as mulheres.

A seguir, realizam-se as reflexões sobre o perfil das entrevistadas, destacando o gênero como uma categoria norteadora do estudo. Gênero, apresentando Serão abordadas histórias relacionadas a maternidade, os relatos das vivências, enfatizando os planos traçados pelas mulheres ao saírem da UP.

4 REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E MATERNIDADE: RELATOS DE MULHERES DETENTAS DO INSTITUTO PENAL FEMININO

4.1 Perfil das entrevistadas

Conforme exposto, esta pesquisa foi realizada com mulheres em cumprimento de pena em regime fechado; por conseguinte, as entrevistas ocorreram nas dependências da unidade prisional IPFDAMC, no anexo da unidade a creche Irmã Marta. Após apresentar o TCLE e explicar os objetivos da pesquisa, as internas se propuseram a participar do estudo, compartilhando seus relatos de vida. Identificaram-se as participantes do estudo por nomes fictícios, apresentando-as em ordem alfabética.

Ana- 24 anos, ensino médio completo, cor parda, evangélica, dois filhos. Antes de ser presa morava no Bom Sucesso com o marido e uma filha. No momento atual, seus filhos estão um com a madrinha e o outro com o padrasto. Relatou que trabalhava como camelô, acrescentando que foi presa ao infringir o artigo 157¹¹.

Dari- 22 anos, solteira, ensino médio completo, cor branca, evangélica. Relatou que antes de ser presa morava só na praia de Iracema já que o namorado se encontrava preso. Teve seu primeiro filho na unidade, agora mãe solteira, não mantém vínculo com o pai do seu filho. Antes de sua prisão, trabalhava como garçomete, e foi presa ao levar droga para o namorado na delegacia, artigo 33.

Diana- 41 anos, analfabeta, solteira, cor parda, evangélica. Relatou que tem treze filhos, que a primogênita, de 22 anos, encontra-se na UP, e está na creche com um bebê de dez meses; cinco encontram-se com uma senhora idosa, mãe de um dos homens que se relacionou, e os outros seis com uma ex-sogra. Antes de ser presa, morava no Pirambú com os filhos e os irmãos. Afirmou ainda que foi presa por tráfico de drogas, artigo 33¹².

Franci- 22 anos, ensino médio completo, cor branca, evangélica. Relatou que, antes de ser presa, morava com o marido e os quatro filhos em Messejana, e que atualmente seus filhos

¹¹ Art.157-subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzindo a impossibilidade de resistência.

¹² Art.33-importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização legal.

estão com sua mãe. Trabalhava como vendedora e que, no momento de sua prisão, estava com o marido, e que foram enquadrados por tráfico de drogas.

Jane- 25 anos, ensino fundamental completo, cor branca, evangélica. Revelou que antes de sua prisão morava no Padre Andrade com os dois filhos, os quais estão sob a guarda de sua mãe. Trabalhava como costureira. Afirmou que foi presa por tráfico de drogas, artigo 33 e que foi julgada a seis anos em regime fechado e está na unidade com seu filho.

Lene- 22 anos, ensino médio completo, cor parda, evangélica. Revelou que antes de ser presa morava no Bom jardim com os pais e o namorado, o qual foi preso junto com a mesma. Está na unidade com sete meses de gestação à espera de seu primeiro filho. Antes dos fatos acontecidos, trabalhava como costureira. Comunica-se com o namorado por meio de recados ou cartas, assim transmitidos pela mãe de seu companheiro. Afirma que é acusada de tráfico de drogas, mas que é inocente, pois não sabia da existência de drogas no automóvel.

Mara- 23 anos, ensino médio incompleto, evangélica. Morava com o marido e uma filha de quatro anos em Sobral. A filha encontra-se sob os cuidados do pai. Relatou que trabalhava em casa de família. Está na unidade com quase nove meses de gestação. Há cinco meses, foi presa acusada de infringir o artigo 157.

Rose- 37 anos, analfabeta, cor negra. Revelou ser mãe de duas filhas, as quais, nesse momento, estão sob a guarda temporária dos avós. Revelou que nunca estudou e nem trabalhou. O pai da criança ainda não o conhece, mas já registrou o filho na unidade. Recebe visitas de sua sogra. Foi presa enquanto levava drogas para o companheiro que estava detido. Já foi presa antes pelo mesmo artigo 33.

Vania- 20 anos, ensino fundamental incompleto, cor parda, evangélica. Antes de ser presa, morava em Tururú, com o esposo e um filho de dois anos, fruto de outro relacionamento. A criança no momento com o pai. Ressaltou que recebe a visita do companheiro. Manifestou preocupação no que se refere aos cuidados com o filho, enquanto estiver presa. Relatou que foi presa por infringir os artigos 33 e 35¹³ e o artigo 44¹⁴, ainda menor.

Ao analisar os dados, observou-se a predominância de mulheres que cursaram o ensino fundamental e médio; no entanto apenas uma interna não teve oportunidade de estudar.

¹³ Associarem duas ou mais pessoas para o fim de praticar, reiteradamente ou não, qualquer dos crimes dos artigos 33.

¹⁴ Art.44-Aliciamento de menores

Portanto, pode-se afirmar que as entrevistas detêm um conhecimento sobre a realidade da vida. Contudo, elas têm algo em comum, uma vez que a maioria está presa por cometer o crime de tráfico de drogas, destacando que uma minoria praticou furtos e assaltos. No que se refere a etnia, constatou-se a existência de pessoa que se denominavam negras, brancas, pardas. A seguir uma definição de gênero como categoria norteadora do estudo.

4.2 Gênero como categoria norteadora do estudo

Antes de abordar a relação de gênero vivenciada no sistema prisional por mulheres em cumprimento de pena, é necessário proceder um resgate histórico sobre a categoria. Essa categoria surgiu entre as décadas de 1970 e 1980, quando as discursões sobre a temática apareceram em universidades em especial nas feministas da época, pois estas lutavam por direitos civis e políticos para as mulheres, além da igualdade de direitos sexuais entre homens e mulheres. Os estudos de gênero surgiram quando Gayle Rubin escreveu um artigo publicado no ano de 1975; no entanto, a primeira pessoa a utilizar a nomenclatura gênero foi Robert Stoller, em 1968.

Scott (1986) entende o gênero como um “saber sobre as diferenças sexuais. E, havendo uma relação inseparável entre saber e poder, gênero estaria imbricado a relações de poder, sendo, nas suas palavras, uma primeira forma de dar sentido a estas relações”. A autora acrescenta ainda que gênero “é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual”.

Com base no pensamento da autora, pode-se afirmar que gênero são as formas como se constroem significados culturais para as diferenças sexuais, dando sentido para essas e, conseqüentemente, posicionando-as dentro de relações “hierárquicas”.

No conceito de Scott, é necessário desconstruir os vícios do pensamento ocidental e relativizar as definições entre o masculino e o feminino, buscando um novo olhar sobre a linguagem e o conceito de gênero.

Segundo Scott (1986), destacam-se vários usos descritivos do gênero. O mais simples é tratar “gênero” como sinônimo de mulheres, uso que busca amenizar os efeitos. No meio acadêmico, o termo “mulher” relaciona-se com o feminismo. Seria um uso, portanto,

eufemístico, uma terminologia não associada à política intencionalmente escandalosa do movimento.

Amplia-se a compreensão conceitual, quando o gênero incorpora também os homens, tornando sinônimo da relação entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, e homens com homens. Assim, gênero adquire um caráter relacional, superando a ideia de que estudar mulher é adentrar em uma esfera separada. No entanto, só faz sentido falar em mulher se falar em homem e vice-versa, ou seja, o gênero está relacionado a ambos os sexos.

Para Osterne (2001), a noção de relações de gênero deverá captar a trama de relações sociais, abrangendo as históricas transformações por ela experimentadas sob diferentes processos sociais nos quais essas relações têm lugar. Portanto, não são consequências da existência de dois sexos, macho e fêmea. Os indivíduos transformam-se em homens e mulheres por intermédio de gênero. Entretanto, os indivíduos de genitália masculina podem tornar-se mulheres, e vice-versa. Dessa forma, existe um consenso de que o tornar-se mulher e homem constituem obra da relação de gênero.

Essa acentuada centralidade do papel da mulher, e sobretudo nos casos em que ela assumia a responsabilidade econômica da família, determinando modificações importantes no jogo de relações de autoridade, a desmoralização decorrente da perda de autoridade que o papel de provedor atribuía ao homem significava uma perda para o grupo familiar em sua totalidade.[...].Várias formas de manifestação da dominação masculina pareciam estar na “ordem do dia das coisas”. Ela se exprime nas falas, nos ditados, nos provérbios, nas brincadeiras, nas opiniões, nos diálogos, nos retratos, na geografia das casas, nos calendários, nas normas, nas maneiras de ser das pessoas, enfim (OSTERNE,2001,p.26)

Nessa direção, percebe-se que a inferioridade da mulher pode ser de diversas formas, a mulher ser vista como provedora da família, ter uma única fonte de renda. No entanto, essa submissão já não é aceita pelo homem ou pela sociedade de um modo geral. Várias formas de submissão da mulher podem ser identificadas em uma brincadeira, uma opinião, como: “mulher nasceu pra esquentar o bucho no fogão e esfriar no tanque”, enfim, essas opiniões sobre a mulher precisam e devem ser revistas.

No que se refere a construção dos gêneros, Saffioti(2013) assinala a importância da dinâmica das relações sociais para a concretização dessa formação.

[...] Os seres humanos só se constroem como tal em relação com os outros. Considera que não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com o outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter

do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia (SAFFIOTI, 1992, p. 210).

Portanto, entende-se que o gênero está ligado a relações sociais, independente, de sua classe social, raça, e não apenas da relação entre corpos. Cada ser tem seu eu, suas histórias e suas relações sociais, que se formam pelas suas relações de gênero.

Segundo Saffioti (1992), “o modo masculino, que contribui para a produção da existência, é diferente do feminino”. Além disso, as atividades masculinas produtoras da existência estão imbricadas em espaços distintos das femininas, que resultam em duas esferas. Cada uma destas esferas constitui o espaço social de um dos gêneros, sendo a esfera doméstica, o espaço próprio do gênero feminino e a esfera pública própria do gênero masculino. A separação da sobrevivência e da transcendência em duas esferas converte as atividades que se desenvolvem em cada uma delas em alienadas, porque uma carece de sentido se não se refere à outra. A prioridade não é estabelecer valorações a respeito da importância relativa de cada uma dessas esferas, mas salientar que sobrevivência pública, masculinidade e feminilidade são aspectos da mesma realidade que as tornam única.

Conforme Saffioti (1976), a tentativa de construir o ser mulher enquanto subordinado ao homem, como dominada-explorada, demonstra a naturalização, o inquestionável, já que dado pela natureza. Todos os espaços de aprendizado, de socialização vão reforçar os preconceitos e estereótipos dos gêneros como próprios de uma suposta natureza (feminina e masculina), apoiando-se, sobretudo na determinação biológica. A diferença biológica vai se transformar em desigualdade social e tomar uma aparência de naturalidade.

As relações de gênero refletem concepções de gênero internalizadas por homens e mulheres. Eis porque o machismo não constitui privilégio de homens, sendo a maioria das mulheres também suas portadoras. Não basta que um dos gêneros conheça e pratique atribuições que lhes são conferidas pela sociedade, é imprescindível que cada gênero conheça as responsabilidades do outro gênero (SAFFIOTI, 1976, p. 10).

Sob esse prisma, gênero está ligado ao machismo ou feminismo e ao homossexualismo, considerando que ambos os gêneros devem exercer seu papel perante a sociedade, conhecendo o papel do outro, embora o feminismo esteja presente entre homens, mulheres, ou vice-versa, todos os dois sexos possuem essa “virtude”.

Todavia, “o que somos, quem somos” vai se constituindo por meio das relações uns com os outros e com o mundo que o cerca. Cada indivíduo encara as suas relações sociais, de forma diferente, configurando assim uma identidade pessoal, uma história de vida como também um projeto de vida. Nesse processo, o fato de se pertencer a um gênero ou outro, ser menino ou menina também conformam as referências iniciais no mundo.

Segundo Rago (2012), o “gênero tornou-se um instrumento valioso de análise que permite nomear e esclarecer aspectos da vida humana[...]”. Portanto, o estudo da categoria gênero é importante para entender as relações entre o sexo masculino e feminino como também homem-homem, mulher-mulher e homem-mulher nas dinâmicas existentes na sociedade. Complementando essa ideia Carloto (2001) explica:

A produção de nossa existência tem bases biológicas que implicam a intervenção conjunta dos dois sexos, o macho e a fêmea. A produção social da existência, em todas as sociedades conhecidas, implica por sua vez, na intervenção conjunta dos dois gêneros, o masculino e o feminino. Cada um dos gêneros representa uma particular contribuição na produção e reprodução da existência (CARLOTO, 2001, p.201).

Contudo, ressalta-se que existência está na ligação de ambos os sexos, ou seja, o masculino e o feminino, macho e fêmea, pois cada um dos sexos tem o seu papel na formação do indivíduo, e o seu papel na formação das relações de gênero.

Carloto (2001,p.202) declara que “as relações de gênero acontecem num sistema hierárquico e estão intrinsecamente ligadas a relações de poder”. No entanto destas relações, o feminino existe em função do masculino e há uma consonância em torno da importância atribuída ao masculino, autenticando a soberania e a dependência de um sobre o outro. Destaca-se a existência de uma relação de poder estabelecida, mas não um poder distribuído de forma igual; porém, um poder relacionado ao feminino numa posição de inferioridade e tudo que é relacionado ao masculino num patamar de superioridade.

Nesse sentido, os estudos de Piscitelli (2009) demonstra que inicialmente a categoria gênero ressaltou as mulheres; no entanto, hoje esta categoria engloba parte dos gêneros, não sendo obrigatoriamente apenas os dois com maior visibilidade na sociedade, ou seja, masculino e feminino, afirmando a multiplicidade de gêneros reconhecida.

Nessa direção, Piscitelli(2009) reflete sobre as distribuições desiguais de poder entre homens e mulheres

Quando as distribuições desiguais de poder entre homens e mulheres são vistas como resultado das diferenças, tidas como naturais, que se atribuem a uns e outras, Essas desigualdades também são ‘naturalizadas’. O termo gênero em suas versões mais difundidas remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças. Na linguagem do dia a dia e também das Ciências, a palavra sexo remete a essas distinções inatas, biológicas. Por esse motivo, as autoras feministas utilizaram o termo gênero para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade (PISCITELLI, 2009, p.119).

As relações de diferenças entre o sexo oposto são percebidas como relações de poder, em destaque o poder que o sexo masculino representa sobre a mulher, concebida como o sexo frágil, que nasceu para ser dona de casa e mãe. Dessa forma, considera-se que o gênero revela o caráter cultural entre ambos os sexos.

Conforme destaca Piscitelli(2009), a sociedade contemporânea apresenta discriminação de mulheres:

[...]Ao pensar em gênero não podemos restringir-nos a homens e mulheres, a masculino e feminino [...]No momento atual, a discriminação de mulheres continua existindo, particularmente quando se trata de mulheres pobres e/ou negras e/ou do “terceiro mundo”. Entretanto, a discriminação de gênero atinge também homossexuais, transexuais e travestis, sujeitos à violência, a agressões e assassinatos por conta de sua identidade de gênero (PISCITELLI, 2009 p.144-145).

Ao se definir gênero, não se pode diferenciar homem ou mulher, ou a relação entre os sexos opostos, pois no conceito de gênero incluem-se também homossexuais, transexuais, negros; enfim gênero refere-se a homens, mulheres, sexo masculino, feminino, a violência sofrida pelos homossexuais, transexuais e pela suas orientações sexuais.

Conforme Butler (2012), gênero pode ser compreendido como os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, destacando que:

[...] não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos. Ou que termos “mulheres” interpretem somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam [salientamos que apenas pareçam, pois sabemos que não são tão problematicamente binários em sua morfologia e constituição[...], não há razão para

supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2012, p. 24).

A autora acrescenta a crença em uma relação entre gênero e sexo:

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, como a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como feminino (BUTLER, 2012, p. 25).

Dessa forma, a construção de gênero não se aplica ao corpo de um homem ou de uma mulher, ou seja, nem do sexo masculino ou do sexo feminino, uma vez que gênero se aplica tanto a um corpo feminino, quanto ao masculino ou vice-versa. Gênero se refere a sexo, pelo qual o indivíduo assume seu papel na sociedade, ou seja, o homem pode ter nascido com os órgãos genitais masculinos, e ter a orientação para viver como uma mulher, como um transexual ou outra orientação. A relação de gênero é uma questão de cultura, portanto o fato de suas orientações sexuais não deve ser excluído da construção da relação de gênero.

Nesse contexto, compreender as vivências das mulheres no sistema prisional requer analisar as relações de gênero que permeiam esta sociabilidade. No presente estudo, as relações de gênero destas mulheres são perpassadas por sua condição de ser mãe. No item a seguir, será abordado o conceito de maternidade.

4.3 Maternidade: sonho ou destino

É de suma importância compreender a maternidade e seus desdobramentos na vida de mulheres. Observa-se no dia a dia a influência exercida sobre as mulheres, principalmente aquelas que sonham e desejam ser mães. Desde criança há a pressão para que as garotas aceitem a condição inevitável a todas as mulheres: tornar-se mãe e não uma mãe qualquer, mas uma boa mãe. Para além do senso comum há uma discussão sobre a mulher, que é ser mulher, e ser uma boa mãe? O modelo de mãe perfeita surgiu como exigência imposta de amor materno. Badinter (1985), em sua obra *Um amor conquistado: o mito materno*, não apresenta todo o histórico da maternidade, uma vez que, “somente no final do século XVIII a

sociedade passou a possuir essa cobrança com a mulher. Antes, o afeto com os filhos não era encarado com bons olhos, principalmente por conta da grande mortalidade infantil”¹⁵.

Os cuidados, desde o nascimento, eram todos prestados por serviçais, entretanto, a partir do século supracitado, as obrigações passaram a ser da própria mãe, inclusive o aleitamento, que era feito pelas escravas; Badinter (1985, p.178) “não nega que o amor materno sempre existiu, entretanto, ressalta que a partir do século XVIII surgiu a exaltação de tal amor”.

Sendo assim, passou a ser atribuída na sociedade a obrigatoriedade do amor materno, à responsabilização maior da mulher em relação aos filhos, a pressão para que toda mulher se torne mãe e o mito de que só é mulher de verdade aquela que é mãe, classificando assim a maternidade como fato indispensável ao ser mulher.

[...]A representação da ‘verdadeira mulher’, mãe/esposa/dona de casa é ainda em nossos dias, a imagem e o cotidiano da maioria das mulheres. A multiplicidade, que compõe o desejo e a experiência das mulheres, é esquecida pelo efeito homogeneizante da imagem e do mesmo. O ‘eterno feminino’ se atualiza sem cessar nas ‘tecnologias do gênero’: No censo comum, na mídia[...]nos discursos dotados de autoridade[...]celebrando a maternidade como um duplo nascimento: da criança e da mulher, que realiza assim seu potencial, não encontram a plenitude de seus corpos constituídos em sexo senão em sua função reprodutora(SWAIN,2000,p.56).

Observa-se que o ser mulher já nasceu com um importante papel na sociedade, além de ser, esposa, dona de casa, trabalhar fora, tem que cumprir importante papel na sociedade, o de ser mãe, sempre dotada de amor materno, o qual as mulheres nasceram com essa vocação.

Osterne (2001) relata que a afetividade materna é concebida como algo natural, pois uma vez que o elo entre mãe e filho é estabelecido, possibilita naturalmente um amor pela via de reprodução biológica. Pois uma mãe só quer a sua família estabelecida, sendo que em parte a mãe age como mediadora e representante do pai, cuja autoridade é mediada pela afetividade.

Gomes (2009, p.3) reflete sobre as condições de determinadas realidades sociais, destacando que as “mulheres que vivem em situação de extrema vulnerabilidade, muitas

¹⁵ Até então as crianças eram praticamente invisíveis à sociedade como um todo, eram consideradas pequenos adultos e só teriam valor quando realmente o fossem; Havia grande mortalidade infantil, talvez, por isso as mães não fossem encorajadas a apegar-se aos seus bebês, poucos deles chegariam a um ano de idade. Emídio (2008) nos explica como essa relação mudou: “infância e maternidade foram[...] sentimentos e conceitos construídos para o desenvolvimento da sociedade e as crianças passaram então a ter um valor quase que mercantil. A valorização destes sentimentos se relacionava, nesse caso, com estratégias sociopolíticas para a diminuição das taxas de mortalidade, além de questões referentes à sobrevivência, a criação de mão de obra para o trabalho, à população, à continuidade da espécie e, à vida”(p.53).

vezes não tendo sequer acesso a médicos que possam orientá-las”. Essa realidade é percebida nos sujeitos desta pesquisa, uma vez que algumas mulheres não possuem um companheiro que assuma o papel da paternidade. Esse contexto estava presente quando as mesmas estavam em liberdade; no entanto, após serem recolhidas ao sistema penitenciário, a situação torna-se mais agravante.

Depois de passarem toda a sua vida “aprendendo” que deveriam ser mães perfeitas, essas mulheres acabaram envolvendo-se com atividades ilícitas, crimes e, conseqüentemente, sendo presas. Dessa forma, sente-se que são duplamente culpadas, transgrediram valores inerentes à mulher e, em contrapartida, estão impedidas de exercer a principal função atribuída a elas: Exercer seu papel na maternidade, o de ser uma boa mãe.

A situação da maternidade no presídio constitui-se um exemplo da presença do poder judiciário determinando o destino da relação entre as mulheres apenadas e seus filhos. Uma suposta incompatibilidade entre as duas condições-ser mãe e estar presa-parece ser apontada e a cobrança aparece no sentido do aperfeiçoamento do cuidado, e também na intenção de se tirar o bebê da situação de privação de liberdade [...](GOMES et al,2009,p.2).

Nesse contexto, a maternidade na UP é prévia, pois as crianças só podem ficar com sua mãe, por um período de seis meses, tempo recomendado para a amamentação como único alimento para as crianças; porém esse período pode estender até um ano, tempo máximo para as crianças ficarem na UP junto às mães.

Marcello (2005, p.15) aborda sobre as “cobranças feitas às mulheres que se tornam mães com relação até mesmo ao que falam, como se vestem, comem, enfim, sobre o seu comportamento em geral”. A partir do momento que se descobre grávida, a mãe deve passar a comer o que faz bem para o bebê, não ter pensamentos ruins, pois isto pode prejudicar a criança. Também deve buscar os cuidados médicos. Após o nascimento, palavras de baixo calão não podem ser pronunciadas, pois a criança não pode ouvi-las; as vestimentas devem adequar-se ao que é apropriado para uma mãe e até mesmo os seus próprios sentimentos devem ser controlados, pois a demonstração de tristeza, medo ou nervosismo podem prejudicar o filho.

Nesse contexto, seus projetos individuais, seus sonhos, prazeres, seu trabalho, sua vida, devem ser repensada e adaptada ao seu novo papel social “ser mãe”. Percebe-se, então, que a sociedade cria uma espécie de moral específica para as mães, pois ela não é mais uma

mulher qualquer, ela agora é responsável por outra vida, que é mais importante que a sua própria vida.

Indispensavelmente, em detrimento de qualquer outra atividade que possam vir a desempenhar. Assim, suas vidas são regidas [...] Pois as mulheres são construídas para serem mães, para a maternidade. Primeiramente, com os ensaios e a possibilidade de virem a ser mães, depois com o ser mãe propriamente e o ser avó enquanto reedição da maternidade (GRISCI, 1995, p.15).

Nesse modelo de sociedade patriarcal, ser mãe é abdicar de seus projetos, sonhos, prazeres, trabalho, pois a sua vida deve ser repensada e adaptada a sua nova vida e daquele ser em gestação ou que já está presente em seu cotidiano, pois ela não é mais uma mulher qualquer, agora é responsável por outra vida, abdicando da liberdade para vivenciar a vida dos seus filhos. No item a seguir será abordado as vivências em relação as detentas.

4.4 As vivências das detentas do Instituto Penal Feminino

Em observação no local da pesquisa, observou-se a rotina das internas junto aos seus filhos, como começam e como finalizam seu dia. Estas acordam cedo, tomam banho, banham os bebês, lavam as roupinhas dos nenês, fazem mingau, aqueles que não tem mais a amamentação como única fonte de alimento, cuidam da limpeza da creche, uma vez que, por um período, a creche é a sua morada e a de seus filhos.

Os resultados da pesquisa são apresentados, enfocando três dimensões: prisão, maternidade e planos para o futuro.

4.4.1 Prisão: “uma escola, pois aqui se aprende a lição, lugar em que o filho chora e a mãe não vê”

Uma das primeiras inquietações ao observar o cotidiano das mulheres, mães em cumprimento de pena, é entender a realidade vivenciada no contexto da vida que contribuiu para a sua prisão. Dessa forma, ao serem indagadas sobre as condições que influenciaram em seu envolvimento com os crimes, as internas revelam diferentes histórias de vida que a resultaram na prisão.

Meus primos chamaram a mim : vamo, tu e teu namorado para uma festa, daí fomos na inocência, na volta pra casa a polícia nos parou, meus primos vinham com o carro cheio de drogas, nem eu, nem meu namorado sabia, daí fui presa, meu namorado

também, meus primos nunca disseram que nós era inocente. Ao chegar na cadeia descobri que tava grávida, estou e agora esperando minha filha nascer e perder boa parte do desenvolvimento dela por conta de uma coisa que não fiz, nunca tive uma audiência, nunca fui presa antes, e minha sogra visita eu e meu marido, coitada.(Lene)

Eu tou aqui porque sempre fiz coisas erradas, meu marido até tentou que eu me ajeitasse, mas eu não escutei e fui assaltar pra sustentar meu vício, ainda bem que nunca me abandonou. Depois que cheguei aqui e descobri que tou grávida, fui julgada a 6 anos e 4 meses. Já fui presa outra vez por cometer assaltos, vou mudar e quando sair cuidar das minhas filhas(Mara).

Meu amigo me chamou pra fazer uma parada e de madrugada, ai né eu deixei meu marido e minha filha dormindo e fui com ele roubar uma moto, quando voltava a moto parou, não pegou mais, aí tomamos outra moto, e uma bolsa da mulher, ai a moto não pegou e a polícia começou a atirar. Fui presa na hora, passei vários dias no hospital, muito baleada, machucada, até chegar aqui e em seguida descobri gravidez, ainda não fui julgada, meu marido vem me visitar, e quando era menor já fui presa por cometer assaltos(Ana).

Ao analisar as falas, destaca-se que diferentes aspectos e circunstâncias contribuíram para a prisão dessas mulheres; no entanto, com contexto semelhantes, como a influência de amigos e familiares. Mara relata sua experiência de praticar assalto, principalmente pela drogadição.

Algumas mulheres relataram a influência direta do seu companheiro, ressaltando a dominação masculina. A recorrência de submissão é percebida como produto de dominação masculina, observando a ambiguidade das falas:

Meu marido tá preso e pediu que eu levasse droga pra ele traficar lá dentro, já que estava grávida e não passaria por uma vistoria correta. No início me recusei, mas depois comecei a levar, levei por várias vezes até que um dia o agente achou nas minhas coisas um objeto que não era permitido a entrada, ou seja, um carregador, daí eu nervosa pedi pra ir no banheiro, eles perceberam meu nervoso e eu derrubei a droga. Agora estou aqui com meu filho e ele com outra, mas a mãe dele vem me visitar e vê o neném, ainda não fui julgada, mas fui presa outras duas vezes por tráfico(Rose).

Eu estava namorando feliz até que meu namorado foi preso, enquanto estava na delegacia, eu ia visitar ele. Um belo dia, ele me pediu pra levar drogas pra ele, me neguei, ai ele insistiu e eu como o amava levei. Fui presa sem saber da gravidez, e daqui a alguns meses meu filho vai embora, e eu aqui por conta de um homem que me iludiu, e nunca tinha sido presa antes, a única pessoa que nunca me abandonou foi minha mãe que sempre vem me visitar (Dari).

Eu tou aqui porque meu marido vendia drogas e eu o ajudava, daí a polícia prendeu nós dois. Eu já estava grávida, não fui julgada, e hoje só nos falamos por catatau¹⁶, e por recados quando minha sogra vem me visitar, tenho dinheiro e ainda continuo aqui(Franci).

Percebe-se que o tráfico de drogas é uma forma de ganhar dinheiro de forma rápido e fácil, alguns acomodam se não querem mudar de vida.

Já Diana revela outro contexto, outra história sobre o crime, no que se refere a família, o autossustento, a condição social e discriminação.

A primeira vez que fui presa cometi realmente o tráfico de drogas, e entrei nessa vida por conta da necessidade, meus filhos não tinham nada pra comer, sabe o que é pedirem um pedaço de pão, e você não poder dar, então fui vender drogas pra poder sustentar eles, sou mãe de treze filhos, hoje estou aqui, pois estava em uma calçada sentada perto da minha casa jogando baralho, eu e minha filha e ao meu lado tinha uma menor traficando, a polícia chegou, como já era conhecida me prendeu, eu e minha filha mais velha que também foi presa de inocente. Hoje meus filhos estão jogado, cinco em uma casa, seis em outra e eu aqui condenada a um grande tempo de cadeia, mas e digo uma coisa que quando eu sair por tráfico, eu não volto mais (Diana).

Santos (2007) afirma que a família influencia os seus membros de diversas formas, esperando fazer delas o prolongamento de si mesma e do meio cultural. Mas quando esses laços são quebrados tudo se desestrutura. Essa realidade foi observada na fala de Diana, a qual estava passando por necessidades materiais e de sobrevivência para manter os filhos. Argumenta que a condição de vida contribuiu para a venda da droga.

Eu trabalhava como camelo daí fui traficar depois que minha mãe morreu, pois ela deixou nove filhos, e fui vender drogas pra sustentar meu vício e pra ajudar minha irmã que ficou, meus irmãos, daí meu marido, não quis que eu ficasse com nenhum irmão meu. Um belo dia, a polícia chegou, eu escondi as drogas e dei pra uma menor esconder, daí minhas filhas estão espalhada, uma com cada pai, e esse não sei com quem vai ficar, pois não tenho coragem de deixar com minha irmã, pois ela já tem nove da minha mãe e três dela (Vânia).

Percebemos que a relação entre mãe e filho é dilacerada de forma perversa. Às vezes, o filho não tem uma justificativa em relação a ausência da mãe, passando por uma experiência de abandono(SANTOS,2009),pois a distancia dos filhos dificulta o período de reclusão das mães, pois além de estarem preocupadas com a situação, vivem angustiadas e preocupadas com os filhos que estão fora da unidade, esperando reencontrá-los.

¹⁶ Trata-se de uma categoria nativa e significa carta, ou seja, um veículo pelo qual estas se comunicam com outras pessoas.

[...]o tráfico de drogas produz a sensação do ganhar dinheiro fácil, da “autoridade do bandido” com poder absoluto sobre o outro e, por fim, a sensação da não subjugação as regras sociais, além de reafirmar um ideal de consumo e acesso a bens materiais tão difundido pelo modelo neoliberal(SANTOS,2009,p.178).

Outras mulheres salientam a prisão como um sofrimento, relatando que encontravam “na hora errada e no lugar errado”, afirmando que estavam de “laranja” (termo que refere a algo que não fizeram, porém foram culpadas). Essa realidade é expressa por Jane que afirma ser inocente, e que estava no local em que não deveria estar naquele momento.

Eu fui presa por estar no local errado e na hora errada. Trabalhava como costureira e fui acusada de matar um homem, mas não fiz nada. A polícia só achou umas balas comigo, meu companheiro pediu que guardasse pra ele (Jane).

Considerando as diferentes histórias, percebe-se algo em comum nos relatos dessas mulheres, principalmente os aspectos que contribuíram para à prisão, destacando os amigos, companheiros. Ainda há relatos de que o crime é cometido pelo companheiro e a mulher é responsabilizada junto com ele, ou no lugar dele, fato muito comum, pois normalmente as prisões são realizadas por policiais do sexo masculino.

Em relação ao sentimento de está na prisão, algumas a consideram um local de refúgio da vida, pois serve como proteção.

França (2011) aponta os sentimentos que perpassam o período de reclusão feminina, considerando que a prisão traz consigo o desespero, a solidão, pânico, a tristeza, o medo ,o arrependimento, enfim, uma mistura de sentimentos. É possível perceber a presença destes sentimentos nas falas das internas.

Eu estou aqui por conta de uma coisa que não fiz, não tive audiência, não sou julgada, e ainda vou ter que me separar da minha filha. Não gosto dessa experiência, contudo é muito aprendizado (Lene).

Eu acho minha prisão justa, pois tenho que pagar pelo que fiz., Essa prisão vai servir como exemplo, eu aprendi e nunca mais vou fazer novamente (Mara).

A prisão não é nada bom né, tá sendo horrível, ruim, não lucrei nada, apenas cicatriz, cadeia, e ainda tou longe da minha filha, e logo vou me distanciar da outra (Ana).

Conforme relato, constata-se que algumas mulheres apontam a prisão como um local ruim, no entanto afirmam que contribuiu como experiência para o futuro. Outras agradecem a Deus por estarem no instituto penal, uma vez poderiam vivenciar outras situações, porém veem esta fase como um aprendizado e experiência de vida, percebendo que o crime não compensa, destacando a necessidade de ser exemplos para seus filhos.

A prisão é uma escola. Cada dia, aprendo para contar depois, onde o filho chora e a mãe não vê (Rose).

Minha prisão foi horrível, mas é por outro lado que a gente aprende. Eu aprendi, não quero mais essa vida para mim (Dari).

Minha prisão é horrível, jamais imaginei ser presa, a gente faz coisa errada, mas acha que sempre vai dar certo, e que nunca a gente vai cair (Franci).

Constata-se que essas mulheres percebem a prisão como espaço de aprendizado, destacando que o Instituto Penal demonstra uma situação de descaso, embora reconheça que o ambiente da creche é menos austero, comparando-se com as alas da unidade prisional.

Eu não gosto da prisão, acho que não deveria existir prisão pra mulher, pois a gente tem que abandonar os filhos no mundo (Diana).

É necessário que se perceba que embora essas mulheres tenham infringido a lei, elas sentem falta da proximidade dos filhos e dos vínculos familiares, como é o caso de Diana, cujos filhos estão com os parentes, filha está também na unidade e o mais novo na creche, destacando que a qualquer momento, a criança poderá ser encaminhada para o abrigo, uma vez que não há um familiar que possa acolher seu filho.

A entrevista foi interrompida, pois naquele momento Diana recebeu a notícia de que o serviço social estava buscando um familiar para receber a criança. Diante desta realidade, a interna manifestou emoção, afirmando que “ninguém iria levar seu filho, teriam que arrancá-lo de seus braços”.

Eu acho justo, boa, pois aprendi muito aqui dentro mais aqui na creche é menos ruim, do que lá nas ala (Vania).

Observou-se que a maioria das detentas considera o ambiente da prisão ruim; no entanto afirmam que vivenciou momentos de aprendizagem, declarando a sua intenção de não praticar os crimes novamente.

4.4.2 Maternidade: “é muito bom, ajuda a passar a cadeia”

Um dos relatos que mais chamou a atenção foram as histórias de Lene, ainda gestante e Dari, com um bebê no colo, as quais afirma que estão vivendo a experiência de ser mãe pela primeira vez dentro da UP, destacando que estão experimentando ações, sensações e sentimentos únicos.

Ser mãe é uma dádiva de Deus, meu filho é uma ótima companhia, até esqueço de que tou presa. Estava grávida e fiz um sacrifício pelo pai dele, e que não mereceu esse sacrifício, jamais me sacrifico por homem nenhum (Dari).

Ser mãe pra mim será algo maravilhoso. Não vejo a hora dessa criança nascer, de tê-la em meus braços. Quero beijar, abraçar, dar todo amor e carinho, e principalmente nunca dizer a ela que eu e o pai fomos presos, embora a gente seja inocente (Lene).

Contudo, pode-se observar que a carência e a distância dessas mães de seus filhos ocorrem pela falta de políticas públicas específicas para o sistema penitenciário do sexo feminino, pois o Estado não investe em políticas para detentas, revelando que este contexto relaciona-se com a questão de gênero.

Na percepção das entrevistadas, ser mãe constitui uma experiência singular, revestida de afeto, conforme os seguintes relatos:

Ser mãe é algo muito bom, é tudo de bom, tou grávida e meu outro filho ficou com meu marido, ainda é tudo de bom, Ainda não estou com minha filha nos braços, mas acho que será muito bom ter ela aqui comigo, pois já faz meses que não vejo meu filho, pois mora em outra cidade (Mara).

Estar aqui na cadeia, não é bom, mas estar com minha filha é maravilhoso, cuidar, amar, dar carinho, atenção é muito gostoso, é uma experiência muito boa, pois gosto de está com minha filha. Meus dois filhos lá fora, um tá com a madrinha e o outro com o padrasto, e essa ficará com o pai, pois quando fui presa ainda estávamos juntos (Ana).

Fiquei grávida ao visitar meu marido na cadeia, já era mãe, minhas filhas estão cada uma com o pai. Mas ser mãe pra mim é algo, sem palavras, é padecer no paraíso, ter meu filho comigo é maravilhoso, faz esquecer as coisas que se pode passar aqui dentro (Rose).

Contudo a saudade dos filhos que estão sob os cuidados de parentes e amigos desperta diversos sentimentos, principalmente as mães que nunca receberam a visita dos filhos, e que não tem contato com eles. Algumas internas têm a oportunidade de receber a visita de seus filhos; no entanto, temem que estes estabeleçam vínculos maternos com outras pessoas.

Meus três filhos estão com minha sogra, fiquei grávida ao visitar meu marido. Ser mãe é ter mais responsabilidade, ter meu filho aqui é bom, ajuda a passar o tempo (Franci).

Ser mãe é uma experiência muito boa, sou mãe de treze filhos, seis estão num local, e cinco noutro. A mais velha presa aqui na ala, e o mais novo comigo aqui na creche. Ter meu filho comigo é maravilhoso, a diretora disse que iam deixar meu filho comigo por um ano, ele tem dez meses, e hoje recebi a notícia de que vão levar ele de mim, não tenho onde deixar. Não vou deixar eles levarem; terão que arrancar meu filho dos meus braços (Diana).

Fiquei grávida ainda era junta, deixei meu marido bem mais velho, daí fui roubar, traficar. Fui presa, descobri a gravidez e hoje tou aqui com minha filha. Amo ser mãe, meus filhos estão com os pais, com meu nenenzinho aqui o tempo passa rápido, ter eles aqui com a gente é o que nos calma (Vania).

Ser mãe é algo muito bom, meus filhos estão com minha mãe. Ter meu filho comigo ajuda a passar a cadeia (Jane).

As fala das mães demonstram que a presença dos filhos é valorizada, principalmente por acalmá-las, colaborando para superar as condições de detentas, ressaltando que a creche é um ambiente acolhedor. Observou-se uma mãe chorando muito, pois naquele dia seu filho seria encaminhado para um abrigo institucional, afirmando que “não saberia como seria seus dias dali em diante sem seu filho”.

4.4.3 Planos para o futuro: “Trabalhar pra criar meu filho só”

Com toda essa realidade do dia a dia, as internas não deixaram de sonhar, de planejar um futuro feliz distante das grades, e muros do presídio junto com seus filhos, familiares e amigos.

Quando eu sair daqui né, vou continuar, voltar a trabalhar, cuidar da minha filha que vai nascer, vida nova, quero terminar os estudos (Lene) .

Quando sair daqui, quero trabalhar, recuperar minha filha e voltar aos caminhos de Deus (Vania).

Pretendo trabalhar, estudar, arrumar um emprego e cuidar da minha mãe e do meu filho (Franci).

Desse modo, entende-se que os sonhos das internas são convergentes, destacando a importância do trabalho, estudo, e principalmente mudar de vida para cuidar dos filhos, pois todas as mães demonstram o desejo de viver com seus filhos.

Quero ajuntar meus filhos, pois eles tão em lugares diferentes, arrumar um emprego, não sei ler, mas sei fazer tudo, e viver uma vida digna.(Diana).

Observou-se que as mães são amorosas, carinhosas e dedicadas, destacando a experiência de Diana, a qual relatou que, embora, seja analfabeta, pretende buscar formas de sobreviver, sem cometer crimes, mas realizando coisas boas, além de reunir os treze filhos para educá-los com amor e no caminho do bem.

Rose reconhece seu erro, mas manifestou a intenção de mudar de atitudes.

Errei, fui presa duas vezes por tráfico, abandonei minhas filhas, mas agora não quero mais essa vida, quero mudar, criar meu filho, hoje sei o quanto quero isso (Rose).

Com base nos relatos, percebeu-se que todas as mães fazem planos, constroem sonhos, e manifestam o desejo de conviver com os filhos. Dessa forma, compreende-se que a prisão tem um forte impacto na maternidade, em especial, em relação as crianças que estão fora da unidade.

No entanto, observou-se que as mães superar essa realidade, reconstruindo laços, vínculos, que estão fragilizados, reestabelecendo assim sua família. Estas mães querem mudar de vida, motivadas pelo amor aos filhos, querem seguir um bom caminho para cuidar das crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender que a instituição privativa de liberdade para mulheres tem impacto na maternidade, tendo em vista que as crianças que estão fora da unidade permanecem por um longo período longe de suas mães, e as crianças que estão com as mães na unidade permanecem por alguns meses e depois são separados. O IPFDAMC constituiu-se lócus da pesquisa, sobretudo por ser o único estabelecimento prisional feminino do Ceará, no que já merece atenção e reflexão.

Baseada nas informações obtidas no campo de pesquisa, ressalta-se a importância de se construir outra penitenciária feminina no interior do Estado do Ceará, pois na unidade existem internas de todos os municípios, permanecendo afastadas de seus familiares e amigos, sem receber visitas, contribuindo também para a lotação.

Durante a visita de campo, indagou-se acerca dos sentimentos dessas mães relacionados aos filhos que estão com elas na penitenciária, e aqueles que estão sob os cuidados de outras pessoas. As mães que têm filhos fora da unidade relataram seu sentimento de tristeza, pela saudade, preocupação, falta de notícias, e principalmente pelo medo da perda dos vínculos maternos, já que algumas mães não sabem o período de cumprimento da pena.

No que se refere aos filhos que estão na unidade, observou-se que essa relação é cercada de emotividade, gerando uma dependência entre mães e filhos. Essa dependência acontece porque estas mães veem nos filhos um novo horizonte e oportunidade de mudança.

Estas mães quando estão com seus filhos na creche, dedicam-se totalmente ao cuidado dos mesmos, cuja relação reveste-se de maior significado. Em contrapartida, as gestantes em sistema prisional declaram não receber nenhum tipo de orientação prática em relação ao preparo para o parto, amamentação e cuidados com o recém-nascido.

Percebe-se que o momento da separação entre mãe e filho que estão na UP reveste-se de intensa preocupação, uma vez que as mães manifestam sofrimento ao pensar que seu filho não permanecerá ao seu lado, afirmando que sentirão falta daquela companhia tão especial.

Em relação a essa separação, uma interna relatou que as mães são comunicadas no momento da saída do filho, cuja realidade foi presenciada no contexto da pesquisa. Ao

realizar a entrevista, uma detenta foi informada que o Serviço Social da unidade estava contactando parentes para cuidar de seu filho. Deve-se refletir sobre a melhor forma de se concretizar a separação entre mãe e filho, pois este momento constitui-se de sofrimento para ambos.

Essa pesquisa evidencia a fragilidade e a invisibilidade das mulheres dentro do sistema prisional. Constatou-se relações de gênero no sistema prisional, principalmente as questões relacionadas a maternidade. A penitenciária encontra-se lotada, sem perspectiva de mudança, pois não há para onde transferir as internas.

O perfil das gestantes privadas de liberdade confirma os estudos realizados em outros estados do Brasil: baixo nível de escolaridade, elevado envolvimento com o tráfico de drogas, e mães solteiras. A maioria delas se torna mãe ainda adolescente, sem o apoio familiar.

Ressalta-se que as pessoas privadas de liberdade possuem direitos e deveres constitucionalmente garantidos e que têm o SUS como base de assistência a sua saúde, como todo cidadão.

Neste ínterim, este estudo reafirma a necessidade de mudanças, não somente na estrutura do sistema prisional, mas, sobretudo, no pensamento de profissionais e da sociedade civil com relação ao modo como as penalidades têm sido aplicadas às mulheres privadas de liberdade.

O sistema penal atual reforça o estigma, a desumanização e restringe direitos básicos, instigando a revolta, quase sempre, revertida na recorrência do crime. As crianças nascidas neste contexto, quando ficam com suas mães, tornam-se vulneráveis a doenças e atrasos no desenvolvimento devido às condições precárias do ambiente prisional e, se forem afastadas das mães logo após o parto, perdem por não desfrutarem do vínculo materno e por não serem amamentadas como lhes seria de direito.

Dessa forma, observa-se que os instrumentos legais que primam pela reeducação e pela saúde de gestantes encarceradas não se cumprem integralmente na prática, tornando evidente a falta de comprometimento político e institucional com sua reinserção na sociedade.

Salienta-se a necessidade de se pensar a maternidade dentro do sistema penitenciário, para que sejam criadas condições estruturais e afetivas que contribuam para consolidar o vínculo entre mães e filhos.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno.** Tradução de Waltensir. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOAVENTURA, Edvaldo M. **Metodologia da pesquisa, monografia, dissertação, tese.** 1ed, 6 reimpressão. Editora Atlas, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

BRASIL. Lei de Execução Penal LEP, Lei Federal n 7.210 de 11 de julho de 1984, publicação, Ministério da Justiça, Brasília, DF, 2008.

CARLOTO, Maria Cassia. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em revista.** Londrina, v. 3. n.2 pp.201-213, jan./jun.2001.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará. **Censo Penitenciário do Estado do Ceará.** Secretaria da justiça e cidadania do Estado do Ceará. Fortaleza-Ce, 2014.

CEARÁ, secretaria da justiça e cidadania.

[http://www.sejus.ce.gov.br/index.php/gestão penitenciaria](http://www.sejus.ce.gov.br/index.php/gestão_penitenciaria), acesso em 18 de fevereiro de 2015.

EMIDIO, T.S. (2008). **Diálogos entre feminilidade e maternidade:** Um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista " Júlio de Mesquita Filho", Assis.

FERREIRA, M. do R. N. P. **Gênero e crime:** um olhar sobre o perfil da população carcerária do estado do Paraná no período de 1998 a 2005. 2007. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Penitenciária) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: Akrópolis, Umuarama, v. 18, n. 1, p. 71-81, acesso em: 4 agos. 2015.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** 29ª ed. São Paulo: Editora vozes, 1999.

_____. FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** 41ª ed. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

FRANÇA, Marlene Helena de Oliveira. **Vigiadas e punidas: como vivem as mulheres criminosas?** ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 15 **Anais.....** , 2011.

FREITAS, J. A. M. de. **O sistema prisional brasileiro e a psicologia**. Artigos Jurídicos. Disponível em: <<http://www.advogado.adv.br/estudantesdedireito/federal/ufrn/josealeixonmoreirafreitas/sistemaprisional.htm>> Acesso em: 2 Agos. 2015.

FRINHANI, F. de M. D; SOUZA, L. de. Mulheres encarceradas e espaço prisional: uma análise de representações sociais. **Revista Psicologia, Teoria e Prática**, 2005. v. 18, n. 1, p. 71-81.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

_____. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

GOFFMAN Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

GOMES, Aline Barbosa Figueiredo et al. Reflexões sobre a maternidade no sistema prisional: o que dizem as técnicas e pesquisadoras. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15. **Anais...**, 2009.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 7 ed, São Paulo: Editora atlas, 2010.

LIMA, Cezar Bueno de. Estado punitivo: O caminho mais curto para o pior. **Revista Jurídica**. Centro Universitário Filadélfia, Londrina, n.2 , pp.164-174, 2005.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: Modos de Subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**. n.29, pp.139-151, 2005.

MARTINS, D. **A mulher no sistema carcerário**. 2001. Disponível em: <www.nossacasa.net/recomeco/001.htm> acesso em: 6 agos. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento, Pesquisa qualitativa em saúde**. Nova edição Revista e aprimorada. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Departamento Penitenciário Nacional. Disponível em www.justica.gov.br/portal padrã. Acesso em: 15 fev. 2015.

MOURA, M. J. de; FROTA, M. H. de P. Dilacerando os fios, tricotando às avessas, construindo a trama: mulher, tráfico de drogas e prisão. **Revista o Público e o Privado**, 2006. Disponível

em:<http://www.politicasuece.com/mapps/arquivos/matriais/mapps_%20ferreira%20e20elena%20frota_56pdf.>. Acesso em: 24 abr. 2015.

PISCITELLI, Adriana. A história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa B. de; SZWAKO, José(Orgs). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis /Vertecchia,2009.

OSTERNE, Maria Do Socorro Ferreira. **Família, pobreza, gênero: o lugar da dominação masculina**. Fortaleza: Editora Uece,2001.

RAGO, Margareth. **Gênero e história**. Corunã:Sacauntos,2012.

RELATÓRIO sobre as mulheres encarceradas no Brasil. Comitê latino Americano e do cárcere para a defesa dos direitos das mulheres. Fevereiro,2007.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na sociedade de classes: mito e verdades**. Petrópolis:Editora Vozes,1976.

SANTA R. P. R. **Mães e crianças atrás das grades**. 2006. Disponível em:www.eunanet.net/beth/news/topicos/mulheres_presas_comcriancas.htm. Acesso em: 1 agos. 2015.

SANTOS, Filho S.B. Dando visibilidade à voz dos trabalhadores: possíveis pontos para uma pauta de valorização da família. In: SANTOS, Filho. **Trabalhador de Saúde e família**. Ijuí Editora, 2007.

SANTOS, Maricy Beda Siqueira do et al. Do outro lado dos muros: a criminalidade feminina. **Mnemosine**. Departamento de Psicologia Social e Institucional da UERJ, Rio de Janeiro,v.5,n.2,pp.174-178,2009.

SCOTT, Wallach Joan. **Uma categoria útil da análise histórica**. Porto Alegre: Editora Educação e realidade, 1986.

_____. **Uma categoria útil da análise histórica**. Porto Alegre: Editora Educação e realidade, n. 20,1995.

SEABRA, Z.; MUSZKAT, M. **Identidade feminina**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **A Mulher na sociedade de classes.** Mito e verdades.3 ed. Petrópolis:Editora vozes.2013.

SEVERINO, Antônio, Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 2 ed, Revista atualizada e reimpressa, Editora Cortes,2007.

SINDASPCE - **Sindicato dos Agentes e Servidores Públicos do Sistema Penitenciário do Estado do Ceará.** Disponível em: www.sindapce.org.br. Acesso em: 16 fev. 2015.

SOUZA, S. B. Criminalidade feminina. **Revista Democracia Viva**, 2005.

WACQUANT, Loic, **As prisões das misérias.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2001.

APÊNDICE A- Roteiro de Entrevista

Identificação

1. Qual a sua idade?
2. Você já estudou?
3. Você tem religião?
5. Você morava em que bairro?
6. Com quem você morava antes de ser presa?
8. Você se considera de que cor?
9. Você tem filhos?
10. Se sim, quantos filhos possui?
11. Você trabalhava antes de ser presa?
12. Qual sua profissão?

Dados referentes ao processo ou envolvimento com a polícia/Justiça

13. Por que você foi presa?
14. Você já foi julgada?
15. Quantas vezes já esteve presa?
16. Recebe visitas? Se sim, de quem?

Relações de gênero

17. Em que circunstâncias ficou grávida? (Era casada, solteira, teve apoio do Companheiro..).
18. Em sua opinião, o que é ser mãe?
19. Com quem o (s)seu(s) filho(s)ficou(aram)?
20. Como é ter seu filho(a) preso junto a você?
21. Quais impactos acredita que a prisão trará para a vida de seus filhos?

Relações pessoais

22. Como está o relacionamento entre você e o seu companheiro depois da sua prisão?
23. Você considera sua prisão justa?
24. Se não, por quê?
25. E como tem sido essa experiência para você?
26. Quais suas perspectivas ao responder ao processo, depois que cumprir sua pena?

APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Sr.(a) está sendo convidado a participar da pesquisa _____, que tem o objetivo de _____.

Dessa forma, pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista semi-estruturada sobre o tema acima proposto que poderá ser gravado se o Sr. concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno no. Todas as informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar, que sua participação é voluntária e o Sr. poderá a qualquer momento deixar de participar desta, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos, revistas especializadas ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa e, ressaltando novamente, terão liberdade para não participarem quando assim não acharem mais conveniente. Contatos com a graduanda _____ e com a orientadora _____.

Este termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, _____ tendo sido esclarecido a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE C- Solicitação para realizar pesquisa de campo

3101.2840
Secretaria de Justiça e Cidadania
Sistema de Protocolo Único
de Comunicação Administrativa
Recebido em 16/04/2015
Claudio



Faculdade Teológica e Filosófica Ratio
Curso de Serviço Social

Ofício nº ____ / ____

Fortaleza, 14 de abril de 2015.

À Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado do Ceará

Venho, por meio deste, encaminhar a aluna Maria Laurinda dos Santos Oliveira, matrícula 1819, aluna regularmente matriculada no curso de Serviço Social da Faculdade Ratio, para realizar uma visita institucional para pesquisa de campo referente à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I.

Virzângela Paula Sandy Mendes
Coordenadora do Curso de Serviço Social

